

tas de madeira com incisões artísticas que representam corações (Beira Baixa); marcas de livros feitas de papel, cordiformes, e com deprecações escritas; registos de romarias, de papelão, igualmente cordiformes, e com imagens coladas (Lisboa, Buarcos, etc.); um livro de versos com capa, também enfeitada de corações (de esposos); um tinteiro de faiança antigo que no todo imita um coração (do convento de Barrô). O pensamento que inspirou esta obra de arte não deixa de se relacionar com o que inspirou a seguinte usual cantiga:

O papel com que te escrevo  
Sae-me da palma da mão,

A tinta sae-me dos olhos,  
A pena do coração,

onde há um trocado de palavras entre *pena* «de escrever» e *pena* «dor»; o coração é como que o tinteiro onde se molha a pena; por outro lado a pena é a dor ou seta, que muitas vezes traspassa os corações artísticos, como temos visto a cima. Acêrca do coração nos pêsos de tear vid.: *O Arch. Port.*, iv, 242; *Portugalia*, I, 378 (Cruz); Vergílio Correia, *Velhos teares*, Lisboa 1912, p. 8, e «Os pesos de tear» (n-*A Aguiã*, n.º 36, p. 176 sgs.). O coração figura artisticamente em bordados, em rendas, em rocas (*Portugalia*, II, 638 sgs., artigo de Natividade), em fôrmas de sal (*A Aguiã*, n.º 33, p. 83 sgs., artigo de Vergílio Correia), em tatuagens (Rocha Peixoto, *A tatuagem em Portugal*, Pôrto 1892, fig. 20; A. Teixeira Bastos, *A tatuagem nos criminosos*, Pôrto 1903, est. I, IV, etc.). Pela minha parte, tenho colhido muitos exemplos de tatuagens em que entra o coração, e do assunto creio que tratará também o Sr. Joaquim Fontes num trabalho etnográfico que tem em preparação. Do coração como amuleto fala A. Tomás Pires, *Amuletos Alentejanos*, Elvas 1904, p. 10. O coração, porém, como amuleto português tem pouca vida; quando aparece com outros amuletos, está aí principalmente como amuleto morto ou degenerado, ou como emblema religioso, representativo da «caridade». Sem embargo, há noutros países amuletos cordiformes (não cito exemplos para não aumentar demasiado este apêndice).—Em muitos dos casos em que o coração desempenha papel artístico, talvez não sejam sem influência as imagens que a Igreja espalha por toda a parte com o coração da Virgem e de Cristo, ora chamejantes, ora assetiados. Tanto ao coração se dá existência própria, que há mesmo associações com a invocação do coração de Maria e do coração de Jesus. É tomar muito à letra os mandamentos da Rêtorica. Todavia, esta persistência com que aparece o coração na arte e na poesia populares tem o seu fundamento principal no génio amoroso e apaixonado dos Portugueses, tão decantado em toda a nossa literatura e na hespanhola. Às vezes ao coração, nas representações artísticas, vem associada uma chave, como diz uma cantiga:

Aquí tens meu coração  
E a chave para o abrir,

a qual tem um paralelo noutra nossa, do séc. XVII, que encontrei em 1913 em Londres, num códice do Museu Britânico; cf. também *Ensaio Etnográfico*, IV, 82-83.—É meu desejo não alongar o apêndice, senão muito mais havia que dizer.

J. L. DE V.

#### Errata do Volume XIX do Archeólogo

A pág. 178, linha 1.<sup>a</sup>, do § 3.<sup>o</sup>, onde se lê *grattoir* leia-se *racloir*.